

Paulo oliveira

Seu Zé
e
Suas
histórias

ilustrações
ana lua



**Paulo
OLIVEIRA**

Seu Zé e Suas Histórias

Ilustrações
ANA LUA

2020

ÍNDICE

Apresentação

Prefácio

Um tempo sem pressa

Agradecimentos

A história de seu Zé

As histórias contadas por seu Zé

A foto do Padim

Bom Jesus da Lapa

Castigo

Conversas com mortos

Desejo de vingança

Fim do Mundo

Frei Damião

Homem sem fé

Milagre da onça

O caruá e a guerra da Alemanha

Padre Cícero na jaula

Pedro Batista e a cigana

Peral

Pessoa encantada

Promessa para o Bonfim

Queixadas

Vira, vira

APRESENTAÇÃO

O agricultor José Rodrigues dos Santos, em atividade aos 97 anos, é um personagem fascinante. Nascido no povoado de Cajueiro, viu o local se transformar em distrito de São José da Tapera, pertencente ao município de Pão de Açúcar, Alagoas, e, depois, emancipar-se. Foi lá que conheceu o beato Pedro Batista, que seguiu até Santa Brígida, na Bahia, e de quem se tornou homem de confiança e cuidador.

Seu Zé, como é mais conhecido, é o personagem emblemático do terceiro ano de vida do site Meus Sertões. A princípio, tema de uma reportagem, se transformou em algo maior: um e-book, o primeiro que publicamos. Sua projeção ocorre na mesma proporção que a de nosso projeto ambicioso de fazer a cobertura do semiárido.

Embora nunca tenha frequentado escola, seu Zé entremeia rico vocabulário com o jeito de falar regional, que mantivemos neste livro-reportagem. A publicação está dividida em duas partes: na primeira, consta a história desse sertanejo magnífico; na segunda, transcrevemos 17 histórias da mesma forma que nos foram contadas. São parábolas e causos envolvendo reis, sábios e santos que José Rodrigues ouviu dos pais e de beatos como o Padrinho Pedro Batista. Histórias que servem para explicar coisas complicadas.

Impossível não admirar a simplicidade de seu Zé, que chama as pessoas pela forma mais fácil, e transforma, por exemplo, o escritor peruano Mario Vargas Llosa em “Mari-valdo”. Há vários outros motivos para venerar nosso personagem. Boa parte deles conseguimos retratar.

PREFÁCIO

UM TEMPO SEM PRESSA

Este livro é feito de poeira, terra de chão levantada no serpentear das estradas desse Brasil profundo, e da tranquilidade para ouvir os causos contados pelos moradores de distantes povoados e cidades. O autor, contador de histórias de primeira, nos apresenta o agricultor José Rodrigues dos Santos, o seu Zé, 97 anos, e nos faz saborear cada história que ele conta sem se preocupar em questionar sua veracidade. A lembrar de Chicó, de Suassuna, pontuando com o “só sei que foi assim”, os causos narrados pelo fascinante personagem nos envolvem desde o início.

A linguagem nos remete aos sertanejos com fala de pausas longas, de palavreado bem característico e me jogou no turbilhão da minha infância no interior de Sergipe, na cidade de Cedro de São João, do também semiárido brasileiro. A cada frase ou expressão típica eu juntava os retalhos da memória e costurava as histórias contadas por minha avó Noêmia e seus vizinhos, que sentavam na porta lá de casa e desfiavam causos.

Sentar e ouvir o outro, no ritmo preguiçoso da cadeira de balanço ou relaxado na esteira de palha na calçada. A lembrança me arrebatou e vi seu Zé também naquelas rodas de infância, quando as crianças se juntavam para ouvir as histórias dos mais velhos. Ouvir o outro e sonhar junto.

Nesses tempos em que o egoísmo e a falta de tolerância reinam em ou-

tras terras, o ato de se colocar no papel de ouvinte é uma dádiva. É reconhecer no outro uma sabedoria que ultrapassa gerações, é a tradição oral que vem de nossos antepassados. É mostrar que existem outros seu Zé nesse sertão. O que nos une, mesmo estando em lugares onde o asfalto cobriu a terra e a pressa esmagou o tempo das pausas necessárias.

Com as palavras e o traço delicados dos desenhos, nos enredamos. Esse estar junto nos convida a fazer parte dessa contação de histórias. E (re)descobrir o sertão.

Angelina Nunes

Jornalista e professora

Mestre em jornalismo

Filha e neta de sertanejos

AGRADECIMENTOS

A minha mãe, Luzia.

A Angelina Nunes, companheira de longa jornada.

À ilustradora Ana Lua, que deu mais beleza a este livro.

Ao professor Alcivandes Santana pelos conselhos, pelas dicas e por nos ajudar a desbravar o caminho das publicações curtas, que ajudam a incentivar a leitura.

Ao povo hospitaleiro de Santa Brígida.

A HISTÓRIA DE SEU ZÉ



José Rodrigues

I

Mal a lua crescente, propícia para plantar milho, arroz, feijão e tomate, deixou o céu, o beato Pedro Batista da Silva chamou o agricultor José Rodrigues dos Santos, pediu para tirá-lo da cama e sentá-lo em uma rede. Nos últimos quatro anos, seu Zé, pessoa de confiança do “Padrinho Pedro”, cuidava do homem santo responsável pelo desenvolvimento de Santa Brígida, cidade do sertão baiano.

Ao sentar-se, o beato falou: “Seu Zé, eu vou melhorar”. Em seguida pediu para o cuidador mudá-lo da rede para uma cadeira.

“Quando eu levantei ele, ele olhou pra mim e disse assim: ‘Êiiii, seu Zé, já tô é morto”.

Passados quase 52 anos (11 de novembro de 1967) da morte de Pedro Batista, José Rodrigues guarda todos os detalhes do dia em que o Padrinho “viajou”:

“Era mais ou menos duas horas da tarde. No momento, eu estava drumindo. Vi que ele estava diferente quando me acordei. Ele sempre dava aquele negócio, aquela crise, mas aquilo passava, n’era? Tinha muita vez que dava aquela passage, dava aquele desmaio, mas depois tornava, né? E a gente pensando que ele tornava e ele não tornou mais. Veio muita gente de longe que queria ver ele. Foi só três dias depois que ele foi enterrado. Se era uma pessoa como eu ou outro qualquer, passou daquele tempo.... Mas ele não. Parece que tinha sido naquele momento, né? Não tinha cheiro nenhum, não. Foi quando levaram para o cemitério.”

Das pessoas que conviveram diretamente com Pedro Batista e sua herdeira espiritual, a beata Maria das Dores, a Madrinha Dodô, seu Zé é o mais fascinante. O primeiro contato aconteceu em 2017, depois dele passar na casa Museu de Pedro e Dodô, onde conversou com algumas pessoas. Saiu com um saco às costas e o facão pendurado no

ombro para trabalhar na roça de sua propriedade, a duas léguas (12 quilômetros) de distância. Foi a pé, debaixo de sol. Tinha então 95 anos.

O agricultor, que até hoje trabalha no campo, é o único morador da rua Castro Alves, onde vivem importantes personagens do tempo do beato, a manter a casa de alvenaria original, construída em seus primeiros anos na cidade. O restante modernizou as moradias.

Seu Zé também se destaca por ter excelente memória, lembrar de benditos antigos, participar de penitências, contar histórias e cantar músicas que aprendeu com os avós, os pais, os beatos e em sonhos, onde vê lugares e pessoas, sem saber onde é e sem conhecer ninguém.

“Juazeiro/ Eu vou à Bahia/ Vou às Alagoas/ De lá, João Pessoa/ Dou uma volta/ E vou a Lisboa/ Lá conheci Ditu/ Gente muito boa” - entoa.

Atualmente, José Rodrigues carrega uma varinha feita de mororó, resistente árvore da caatinga também conhecida como pata-de-vaca. Ela o ajuda a se escorar, pois desde que contraiu chicungunha a perna fica dormente e falseia. Também serve para afugentar cães de rua.

II

“Meu pai era João Rodrigues. Minha mãe, Rosângela. Meu pai viveu uns 80 anos. Minha mãe passou um pouco dos 80. Eles tiveram dez filhos. Eu já fui quase o segundo. O segundo filho foi uma mulher e fui encostado no segundo. Nasci nesse lugar que chamava Cajueiro. A cidade nesse tempo era Pão de Açúcar, mas depois municipalaram. Ficou São José da Tapera (AL).

Meu amigo, na casa de meu pai quatro horas da madrugada ninguém drumia mais porque, quando era quatro horas, ele chamava. Ele levantava para ir buscar um animal no cercado, para ir atrás de uma vaca, para ir atrás de uma criação lá no mato. Se não pegasse os bichos comiam o filhote, né?

Eu trabalhava na agricultura. Naquele tempo não existia arado, nem trator, nem nada. Era tudo puxado no braço. Dava 40, 50 tarefas de roça para levar tudo no braço, arrastado na enxada. Tarefa é assim, uma vara com 10 palmos de comprimento (*2,20 metros*) chama uma braça. Uma tarefa é 30 braças quadradas (*4.356 m²*).

Nesse tempo, a produção maior era argudão (*algodão*), a mola do Brasil era argudão. Óia aí! Se o governo tivesse mantido aquele plantio, não dava tanta roubalheira com tá dando hoje porque tinha ganho para todo mundo.

A pessoa botava uma roça grande de argudão da Paraíba, chamou antes de argudão preto, argudão seridó. Esse argudão cresce, fica igual a um pé de pau (*árvore*). Ele veve 20/30 anos, hein? Então todo mundo que botava uma roça em grande quantidade e não precisava limpar, bastava roçar. Era roçado na estrovenga. Quando era na época: ‘Ei vamos ganhar dinheiro na roça de seu fulano que tem muito algodão para apanhar. Apanhar por arroba, sabe?’.

Comecei a trabalhar na lavoura com oito anos de idade. Estudo não tive. A luta foi

pesada. De menor era na roça, no cabo da enxada e para fazer mandado atrás de gado, de criação, de ovelha (*ovelha*), que naquela época tinha muita onça.

A onça de noite vinha pegar a criação de meu pai. Tinha todo dia que pegar aquela criação para drumir em casa. Não podia ficar no mato porque senão a bicha devorava. Fazia um chiqueiro perto da casa, ela vinha, mas não pegava. Então tinha que todo dia vaquear aquela criação, todo dia. Não podia drumir no mato.

Meu pai, às vez, viaja uma viagem, a gente ia pro mato e não achava a criação toda. De noite, cadê a criação? Principalmente as ovelhas, umas cento e tanta cabeças de ovelha. ‘E as ovelha?’. ‘As ovelha não achamos tudo não’. Aí acendia um candeeiro, ele ia no mato, já sabia onde as ovelha ia drumi e tangia. Tinha que tangê para casa para drumir em casa porque, se drumisse no mato, o bicho só ia pegar de meia noite em diante. Quando o bicho gato, a onça, vinha pegar o bichinho, vinha muito de madrugada.

Eu ia mais ele, acendia um candeeiro numa vareda (*vereda*), numa capoeira que tinha sido roça. Aquela criação vinha naquele malhador. A criação, quando é pra drumi se junta tudinho no malhador, o bolo. Aí chegava, tocava a criação no caminho de casa, de noite. Fiquei nessa lida até a idade de ficar de maior. Quando fiquei de maior fiquei lá mesmo. Já vim praqui (*Santa Brígida*) depois de muitos anos, já quase 30 anos.

Aí, então, no verão. Quando chegava o verão, meu pai tinha um carro. O transporte para transportar o legume era carro de boi, já que não tinha caminhão. O camarada ia buscar a carga como daqui a Aracaju (220 quilômetros de distância) ou Itabaiana (166 km) de carro de boi, hein, senhor? Viagem de 40 ou 50 léguas para ir buscar em carro de boi, hein, senhor? Não existia caminhão nesse tempo, nem carro de passeio. O transporte era ou em animal ou em carro de boi. E, para ir buscar carga em Feira de Santana, era 460 quilômetros em costa de burro.

Eu fazia essas viagens, aí ia montado, na volta fazia de a pé. Vinha carregado. O cabra é só para tanger o animal com aquelas cargas. É rojão, meu amigo. Uma viagem, depende

da viagem, era oito, quinze dias para ir e vim. Uma viagem, digamos assim, umas 40 léguas. Era oito dias para ir lá e vim. Na jornada, antigamente, o cabra para sobreviver ao rojão era pesado. Trabalhava. E todo mundo vivia bem. Se vivia.

Quando a gente viemos para cá as coisas já tinham modificado. De (19)30 para cá, o negócio foi mudando. Já foi aparecendo carro, mas carro era um transporte quase que nem um avião. Era para seu fulano. Os primeiros que apareceu não era difícil o cabra comprar. O difícil era pra arrumar um motorista porque os primeiros carros que veio foi para a polícia, nas campanha dos cangaceiros. Agora sabe quem podia dirigir? Só podia dirigir o comandante. De um sargento para lá. De um sargento, de um tenente ou um capitão, mas policial comum não sabia dirigir. Dirigir os carros era os comandante. Só era quem sabia. Os comandante é que pilotava os caminhão com os policiais de um canto para o outro”.

III

“Eu casei com 22 anos. Nós passou quatro anos cuidando. Minha família veio nascer toda aqui (*Santa Brígida*). Meu pai me acompanhou”.

Dos oito filhos de seu Zé, quatro já morreram. A mulher “fez a viagem” há oito anos. Dos que restaram, três moram em Santa Brígida e um em São Paulo.

IV

Pedro Batista chegou a Santa Brígida em 1945. Foi seguido por uma legião de pernambucanos, alagoanos e sergipanos, que tinham fé no penitente que curava pessoas, dava bons conselhos e livrava os sertanejos de maus espíritos. A família de seu Zé se fixou no local quatro anos e cinco romarias depois.

Nas primeiras vezes que falaram com o Padrinho foram aconselhados a não ir para lá. “Ele falava que aqui o lugar é de sofrimento.” – lembra José Rodrigues

O camarada chegava e não encontrava lugar para abrigá-lo. Havia poucas casas, a maioria de taipa. As pessoas chegavam e iam dar bênção a Pedro Batista. Ele perguntava de onde elas vinham e ouvia as respostas atentamente. Dava conselhos sobre questões diversas, incluindo as pessoais e econômicas. Depois, se despedia.

Em uma das viagens a Santa Brígida, surgiu a oportunidade de seu Zé, a mulher e o pai dele comprarem uma pequena casa de taipa. Ficaram por ali.

“Cheguei aqui em 1949. Quando nós chegamos, já tinha muitas casas. A casinha dele (*Pedro Batista*) era ali. Ficava nessa quina aí (*perto da igreja de São Pedro*), depois desses pé de pau. Depois ele vendeu e fez essa casa aqui (*hoje a Casa Museu Pedro Batista e Madrinha Dodô*). Aqui era uma capoeirona” – lembra José, que mais tarde se transformou em uma espécie de mordomo do beato.

A residência humilde da família Santos foi desmanchada aos poucos. Substituída por uma de alvenaria, ficou pronta em 1958. José Rodrigues conta ainda que Pedro Batista dizia que a “ruinha” em que eles moravam ainda ia ficar muito boa. O penitente previa que a cidade ganharia estrada, carro, energia, banco, tudo o que faltava. As pessoas não acreditavam, mas, aos poucos, tudo que ele dizia que ia ter, teve.

Naquele tempo, havia uma grande rivalidade entre os baianos e os romeiros de outros

estados, que eram maioria. Os nativos controlavam uma fonte e temiam que a chegada dos forasteiros fizesse com que a água fosse dividida.

A cidade também era conhecida por ser esconderijo de pistoleiros. Além disso, para os “coronéis” o fantasma de Antônio Conselheiro rondava a região.

V

“Pruquê eu era do trabalho e ele gostava”. Esses foram os motivos que fizeram José Rodrigues se transformar em homem de confiança de Pedro Batista.

Os primeiros anos em Santa Brígida foram fracos, secos. Seu Zé botou uma roça e perdeu tudo o que tinha. Aí passou a trabalhar alugado para sobreviver. Pedro Batista arrumava o trabalho e o alagoano dava conta:

“De todo serviço do campo de trabalho, eu enfrentava. De carreiro, de vaqueiro, trabalhava na roça, tanger boi na estrada. Todo serviço eu enfrentava. Não tinha arte nenhuma de coisa, mas do serviço do campo, de tudo eu entendia. Aí, ele me chamava para trabalhar. Gostava do serviço que eu fazia. Fiquei trabalhando direto.” – relembra.

Aí com muitos anos, no meio de uma época ruim, seu Zé botou na cabeça que iria para São Paulo, mas foi convencido pelo beato a ficar em troca de um carro com duas parrelhas de boi. Chegava a arar 50/60 tarefas para o Padrinho e outras pessoas, de segunda a sábado.

Pedro Batista pagava em diárias. Trabalhava na semana, na semana recebia. Ele também permitia que os peões botassem roça para eles.

“A gente trabalhava no que é dele, mas fazia pra gente também. Não era modo de só ele ganhando não. Ele dava aquele pedaço. A gente tirava tudo que podia tirar. Aquele pedaço que a gente tirava pra gente era pra gente”.

VI

Algumas pessoas chamam Pedro Batista até hoje de “Antônio Conselheiro que deu certo” pelo fato de o beato ter conseguido fazer reforma agrária em terras que adquiriu a preços irrisórios. Seu Zé acompanhou o processo, assim como a venda de quase todas as propriedades do Padrinho a partir do momento em que ele adoeceu.

A história da Fazenda Gameleira, vendida pelo coronel João Sá para assentar as pessoas que vinham de diversas localidades para ficar perto do Padrinho, é mais complexa. José Rodrigues revela que ela foi arrendada por Pedro Batista. Com o tempo, recebeu a proposta de adquirir a propriedade por cem contos de réis. Já com muitos anos passados, o negócio foi fechado.

Quando seu Zé aportou em Santa Brígida, a Colônia, como passou a ser chamada, tinha pessoas de responsabilidade para tomar conta e recrutar trabalhadores.

‘Olha fulano, quer quanto?’. A pessoa dizia e tinha que enfrentar aquilo. Não era ir por conta não. Tinha o encarregado. O terreno era muita terra” – revela.

Seu Zé conta a versão para o fato que ocorreria em seguida: o Padrinho decidiu doar a terra, modo de o governo federal ajudar o povo. E enviou uma carta para o presidente Getúlio Vargas.

“Quando recebeu o documento, o presidente mandou um juiz de direito vir aqui para saber se aquele negócio tinha fundamento. Se aquela terra era do Padrinho, se estava deslindada, documentada e tudo em dia. Aí o juiz baixou, chegou e disse: ‘Seu Pedro, o presidente me mandou aqui. Eu quero saber se o terreno é deslindado pra eu levar a cópia da escritura’. Aí ele foi lá em Jeremoabo, na casa do vendilhão. Falou com o vendilhão, que comprovou que o Padrinho comprou e pagou. Aí o juiz foi no cartório, tirou uma cópia do documento e levou para o presidente, mostrando que o terreno não

tinha embarço. Hein?”

Passado um tempo, Vargas enviou um engenheiro, o deputado federal Renato Martins, o vice-presidente Café Filho e o ministro da agricultura João Cleofas. A comitiva foi até Pedro Batista e perguntou o que ele queria. Ouviu que queria ajudar o povo, que tinha terra, mas faltavam condições de trabalho.

Seu Zé relata que depois da conversa enviaram o engenheiro Dota Montagi, “um homem sincero” que mandou buscar, em Salvador, um caminhão repleto de ferramentas agrícolas. Tudo ia bem até que a morte do engenheiro, por causas naturais, interrompeu o processo. Os substitutos não tinham o mesmo interesse que Dota. Levou muito tempo para a Colônia deslanchar.

José Rodrigues continuava a trabalhar no local, mas sem poder de mando. A população da Colônia era grande e as secas, principalmente na década de 1950, castigavam todos.

“Meu padrinho tinha um depósito. Trazia o legume, botava no sol para, quando secar, guardar. Aquele legume não vendia não, guardava. Nas épocas ruim tivemos muitos anos seco, sem ter nada. Ele pegava o legume guardado, inventava um serviço para dar ganho ao povo e ganho para o pessoal comer. Ele não olhava preço não. Pegava quando era época da plantação pra mais tarde dar a uma pessoa que não podia comprar.”

Seu Zé nunca esqueceu essa lição.

VII

Bendito

Frei Caetano foi-se embora, mas deixou o seu amparo.
Pedindo a todos que rezem a devoção do Rosário.
Pedindo a todos que rezem a devoção do Rosário.
As contas do meu rosário são balas de artilharia,
que combate o inferno quando eu rezo Ave Maria.
Que combate o inferno quando eu rezo Ave Maria.
Quem tiver o seu rosário, benza e faça devoção.
Para vencer ajudado da Virgem da Conceição.
Para vencer ajudado da Virgem da Conceição.
As contas do meu rosário a ninguém eu não daria,
A quem não traga consigo a Conceição de Maria.
A quem não traga consigo a Conceição de Maria.
Os castigos estão na terra, cada vez aumenta mais.
Quando o dia amanhece, o filho não dá a bênção aos seus pais.
Quando o dia amanhece, o filho não dá a bênção aos seus pais.
Quem quiser seguir para o céu tem duas coisas a usar.
Penitência e caridade para Deus nos perdoar.
Penitência e caridade para Deus nos perdoar.

VIII

Acompanhar todas as procissões, missas e penitências da Semana Santa faz parte da rotina de José Rodrigues. Ele conta que Pedro Batista era famoso. No entanto, cabia à Maria das Dores dos Santos, a Madrinha Dodô, assistente principal e depois herdeira espiritual do Padrinho, a missão de ensinar e propagar benditos (cânticos elaborados por romeiros), cuidar das doações e enfrentar as penitências, no dizer do braço direito do beato.

Era Dodô quem convidava às rezas e que incentivava os penitentes, transmitindo as formas que eles podiam expiar os pecados. José Rodrigues conta que a Madrinha, por ter trabalhado na igreja e ter convivido com Padre Cícero desde criança, entedia de todos esses assuntos.

“Eu acompanhava as penitências. Ainda fiz o 70x7 algumas vezes (prática que consiste em se ajoelhar e levantar 490 vezes enquanto dizem “Ave Maria, Santa Maria”, simbolizando a prece para a mãe de Jesus Cristo). Depois saía da igreja de joelhos, fazia uma volta no cruzeiro e vinha para dentro da igreja de joelho também. Isso era pesado. Tudo isso dona Dodô fazia. As penitências mais pesadas era de ano em ano” – conta seu Zé.

Sobre a autoflagelação praticada por alguns romeiros, o cuidador de Pedro Batista conta que era pouca gente que fazia e que trazia isso das terras em que morava antes de seguir o beato.

“Isso vinha de longe, não foi da chegada dele (Pedro Batista) aqui não. Eles vinham se declarar para o Padrinho que fazia aquilo. Aí ele concordava. ‘Pode fazer’, né? Ele só dava uma dica: ‘Faça, mas faça certo’. Penitência mesmo ele não fazia. Acompanhava só Dona Dodô. O trabalho dele só quem sabia era ele. Alguma

obrigação que fazia era lá para ele só”.

Com relação aos conselhos, prossegue seu Zé, o Padrinho dizia para o camarada não beber, não fumar, não jogar, não andar de bagunça. Só cuidar de seu trabalho e respeitar as autoridades.

IX

Na Santa Brígida da metade do século passado, a palavra de Pedro Batista era a lei. José Rodrigues, que também foi mordomo do beato, conta que não havia guardas na cidade.

Quando alguém causava tumulto por causa de bebedeira, bulia com a mulher do outro, furtava algo da roça ou cometia alguma agressão era chamado pelo Padrinho. A sentença era breve: ‘Aqui não dá para o senhor não’. E o cabra ia embora. Não consta que a ordem tenha sido contestada alguma vez.

Seu Zé relata que os coronéis da região achavam que o beato, assim que se estabeleceu na cidade, seria um novo Antônio Conselheiro, mas quando foram conversar ouviram dele o seguinte:

“Eu não tenho esse endereço de fazer coisa para dar trabalho ao governo”

A palavra de Pedro, a princípio não convenceu a todos. Quando o ajuntamento começou a crescer, um juiz chamou o beato e exigiu que ele assinasse um documento se responsabilizando por todos os seus seguidores

“Aí o Padrinho disse: ‘Eu sou por aquele que me obedecer. O que me obedecer, eu sou responsável e o que não me obedecer fica por conta da autoridade’. Viu? Foi assim” – acrescenta o agricultor.

X

“O Padrinho adoeceu, já vinha doente. Depois que estava muito tempo arriadinho, ele disse para José: ‘Óia, pois fique aqui pelejando uns dias enquanto eu melhora’. Ele tomou uma injeção e a injeção foi forte. Deu arriação e não passou, paralisou os nervos, né?

Os nervo arriou. Ele levantava, mas não podia movimentar. Tinha a pessoa que tá ali pra ajudar, segurar pra não cair, né? Para levantar tinha que ajudar a levantar; para sentar, a mesma coisa. E esse dia foi quatro anos. Ele falou uns dias enquanto eu melhora, né? Foi quatro anos que eu fiquei. Ele teve esse mal que dá de derrame. Aí ele mandou chamar um major do Exército, o major veio para cá com aquele medicamento que ele tomava e aí maneirava.

O major passou nove remédios e disse que ele ia tomar três num dia, depois três e mais três. No quarto dia voltava para o primeiro. Disseram que ele não melhorava porque davam remédio errado. O major voltou e fez um inquérito. De todas a orientação que ele deu, eu lembrava.

Aquilo era assim: aquilo era quase como um derrame. Num momento estava bom. Daí um pouco desmaiava. Ficava parado e depois, com o tempo, tornava de novo. Com ele doente, a madrinha ficou à frente das coisas. Ela é quem detalhava tudo como era que fazia”.

XI

Acorreu gente de todo o canto quando a história da morte de Pedro Batista se espalhou. Seu Zé justifica que era tanto romeiro que ficou decidido enterrar o beato só três dias depois.

XII

“O senhor ouviu falar em um caso do rei que deu no século passado?”, pergunta Zé, puxando a meada.

“Tinha um rei em um lugar. E o rei sonhou um sonho. Viu sete vacas gorda e sete magra. Pois bem, o rei ficou preocupado com aquele sonho. O que é que dava? E ele via as vacas magras comendo as gordas. Aí ele ficou preocupado com aquele sonho. Aí fazia reunião de todo aquele reinado pra vir aqueles homens que era formado pra decifrar em que é que vinha dá aquele negócio. E nenhum não resolvia. Não dava o resultado que significava aquele negócio.

Aí tinha um prisioneiro na cadeia. O prisioneiro era experiente. Os outros prisioneiros contava os sonhos que assonhava e ele dava a definição. Um contou a ele um sonho. ‘Eita rapaz, você vai ser morto’. Logo, logo, o cara foi pro birro. Outro sonhou um sonho e contou. ‘Você vai ser solto’. Ainda disse assim: ‘Quando você tiver solto, se lembre de quem ficou aqui’. Aí ele foi solto e foi trabalhar de jardineiro nesse lugar que o rei teve esse sonho das vacas.

A conversa vazou lá e ele disse lá para os outros: ‘Na cadeia tem um preso que decifra esse sonho’. Olha, ele tinha abalado os outros reinado pra fazer a reunião daqueles homens de nome de saibro (*sábio*), aqueles homens da lei. E um nunca decifrava. E na cadeia tem esse prisioneiro que disse que decifrava o sonho do rei. Foi aos ouvidos do rei.

O rei mandou chamar o jardineiro. ‘Diga uma coisa: você disse que na cadeia tem um preso que decifra um sonho meu que eu tive’. Ele disse: ‘Tem sim, senhor’. Aí ele deu o nome do preso. O rei chamou um oficiá. ‘Ói, vai lá na cadeia, pega esse prisioneiro, mande ele tomar banho, fazer o cabelo, barba, tudo. Compre roupa, calçado e me traga ele aqui’.

Aí o comandante foi na cadeia procurá. O preso tava lá jogado. Ele chamava-se José. Ele cumpriu o que o rei mandou e levou o cabra.

O rei disse: ‘Você me decifre um sonho que eu tive aqui’. Quando o rei terminou de contar o sonho, o causo, o preso disse. ‘Saiba rei, meu senhor, que essas sete vaca gorda e sete magra é sete ano bom que vem e vem sete ruim para comer o que os bom deixou’. Ainda disse assim: ‘Se o senhor não quiser ver que a nação se acabe, o senhor desse sete ano bom compre toda essa safra e fique armazenada e espere, que o ruim vem’. Tumou toda posição do rei na hora, hein?

Ele foi quem deu todo detalhe do que o rei haveria de fazer. Caiu aquilo na cabeça do rei que aquele negócio só dava era naquilo mesmo. Porque o detalhe que ele deu foi bem dado. Coisa lá de Deus, né?

Aí o rei virou pra ele e disse: ‘Eu já vi que você é uma pessoa que pode tomar conta desse carma. Já naquela hora ele pegou uma joiona e colocou no cabelo. Você é quem vai assumir essa responsabilidade. Vou lhe dar dinheiro na época da safra, você vai comprar toda essa safra. E você é quem vai assumir de tomar de conta dessa responsabilidade, que eu estou vendo que você é saibro. E foi do jeito que o preso disse. Veio sete ano bom, depois veio sete de descascar.’

XIII

“Pois é, vamos pra cá agora”.

O convite de seu Zé deixa claro sua disposição de contar um segredo pessoal. Ele vai até os fundos da casa onde mora, abre uma porta de madeira e começa a falar:

“Se o senhor topar com outro, o senhor dizer o que viu, o outro vai dizer que é conversa à toa porque o outro não viu. Ninguém nunca viu porque eu nunca mostrei isso aqui a ninguém. Estou mostrando ao senhor porque estou vendo que o senhor é uma pessoa sincera, né? E a gente pra mostrar assim a cultura da gente é porque quer mostrar com o que trabalha, não é por isso ou aquilo”.

Mal acaba de falar, o agricultor mostra o depósito com silos de diferentes tamanhos, onde armazena milho e feijão da safra de 2017.

“É aguardando as necessidades porque a gente não sabe o que é que vem, né? É esperando o que vem pela frente. Tem gente que me xinga. Larga de ser besta, você nessa idade trabalhando. Mas eu trabalho não só por mim, é imaginando em família, né? E diante da situação (secas constantes) aonde a gente tá, como é que se vivia, hein? Deus quando dá a chuva não escolhe onde é que derrama, né?”

Olha, o rapapé da gente aqui do sertão é pesado. A vida da gente aqui é o inverno não falhá. O inverno quando falha... Ó meu amigo, o camarada chegar o momento de feijão ir para 15 real. E aí? Cadê dinheiro? Um pai de família gasta cinco, seis quilos. O rojão então que é isso que a gente trabalha e tem que guardar umas coisinhas. Olha, pronto. O ano atrasado foi bom. O ano passado não deu nada. A sorte é o feijão que vem de fora, senão o feijão daqui estava caro. Então a gente trabalha e guarda umas coisinhas para se pegar um ano, dois pra frente, o cabra ter para comer. Porque, se não guardar, vai passar privação, viu seu Zé *(a partir daí começa chamar os outros pelo nome como é conhecido)*.

A minha roça é longe, duas léguas (*12 quilômetros*) daqui lá. Vou pra lá passar semana, viu? Não vou todo dia, não. Vou pra lá e passo a semana. Eu tenho uma criaçãozinha, um criatório de criação, pouquinha, mas tem. Oveia (*ovelha*). Aí a gente tem que enfrentar...É como ir à uma jornada. O senhor sai para ir a uma jornada longe, tem que se preparar para ir aquela jornada. Dá para ir e voltar. E não pode avançar muito o sinal não porque senão vai e o negócio não dá para voltar.

É a mesma coisa do trabalho. Eu tenho um barraco aqui de guardar as coisinhas da roça. Ainda não pude arrumar. Olha o barraquinho de guardar coisa da roça! Isso aqui a gente guarda. Fica um ano, fica dois, três porque se pegar uma época ruim.... Se esse ano der, a gente vende o que tem. Se não der, a gente fica com ele. Faz o negócio da formiga: a formiga não corta folha para ir comendo devagar?”.

XIV

Sem dinheiro para comprar sequer um quilo de sal, seu Zé chegou na casa do Padrinho, pediu bênção, sentou-se e ficou quietinho. O beato percebeu que havia algo errado. Ele mandou o agricultor pegar a chave que mantinha pendurada no armador atrás da cadeira em que sentava. Em seguida, mandou José Rodrigues abrir um salão e retirar farinha e feijão de uns silos.

“Eu nunca tinha entrado lá dentro. Ele mandou e eu fui. Eu tirei aquele legume, aquela quantidade que ele mandou. A depois eu olhei assim, fiquei em pé bem assim, e ele ficou aqui. Olhei assim e pensei assim comigo: ‘Ah, meu Deus, se pudesse eu ia trabalhar para modo de ter um negócio desse para que, quando chegasse o momento, eu ter de modo de dar também. E chegou na minha mão. Agora foi com muitos anos, meu amigo. Eu fui arrumando é de pouquinho.” – conta.

São oito silos guardados na casa de Zé. Alguns deles foram comprados de trabalhadores da Colônia. Por sua vez, os lavradores adquiriram os depósitos em um leilão feito por antigo administrador da fazenda Gameleira.

José Rodrigues dá tanto valor aos depósitos que lembra o preço – três mil cruzeiros – que pagou pelo primeiro, em 1978. O vaso tinha pertencido a Pedro Batista. Os outros foram adquiridos por valores entre 10 e 200 reais. Hoje, estão armazenados 100 sacos de milho e outro tanto de feijão. Os mandamentos dos beatos continuam sendo seguidos. Zé faz doação anual de grãos para um abrigo de idosos em Juazeiro do Norte (CE), que era ajudado pela Madrinha Dodô.

O agricultor recorda que foi o responsável pelo depósito do Padrinho até ele “fazer a viagem”. Algumas pessoas tomaram a chave do salão de grãos e impediram a entrada dele no local. Seu Zé não revela o nome das pessoas que fizeram isso, mas mostra mágoa:

“Depois, virou bagunça” – diz.

XV

Pedro Batista costumava dizer que a pessoa tinha que trabalhar e o que tirava da terra não era para desperdiçar. Vez por outra era a chuva que destruía tudo. Seu Zé lembra que depois de um temporal não havia nem sementes para recomeçar o plantio. Os lavradores se perguntavam como iam arrumar feijão para semear.

Uma das poucas pessoas que sabiam dos silos de José Rodrigues contou para o pessoal da Madrinha Dodô, que mandou um cabra pegar as sementes. Foi o que salvou a cidade naquele tempo. A beata distribuiu um litrinho para um, um litrinho para outro e todo mundo acabou plantando.

XVI

Seu Zé: “Meus filhos estudaram pouco, mas estudaram. Não se criaram que nem eu não. Eu só li a cartilha do ABC. Se eu tivesse leitura, não estava aqui não. Eu achei oportunidade de me carregar para longe. Mas, como eu disse ao senhor, sem leitura não podia andar”.

XVII

A versão corrente é que o beato Pedro Batista era analfabeto. No entanto, José Rodrigues diz que ninguém pode afirmar isso. Ele acrescenta que cansou de ver o padrinho pegar os apontamentos das tarefas semanais feitas pelos trabalhadores, nos quais constavam os valores a serem pagos. Em seguida, dizer o valor e perguntar: ‘É tudo isso?’.

Na versão do braço direito do beato, ele pode ter aprendido a lidar com números quando serviu ao Exército e depois à Marinha. A falta de controle e de um banco de dados nacional permitia o alistamento em lugares diferentes. Seu Zé também diz que um analfabeto não teria respostas para tantos assuntos diferentes levados pelos romeiros.

XVIII

Os bens que o agricultor José Rodrigues tem hoje são a roça; uma casa antiga no centro da cidade e os silos de feijão e milho.

O proprietário faz questão de dizer que tudo foi obtido com o suor do trabalho:

“Não é negócio de coisa errada, desmantelado, não. Aqui foi do trabalho que Deus me deu e dos conselhos do Padrinho, que dizia que quem trabalha pode pedir a Deus o que quiser que vem: ‘Bote uma roça, vá trabalhar para comprar isso e isso. Pede e confie em Deus que vem’. Então é isso que a gente fez, né?” – diz.

Na roça, não tem casa. A mulher sempre brigou com ele por causa disso. A da cidade é desarrumada, na definição de seu Zé. O pedacinho de chão com uma barraca de “paia” (*palha*) foi comprado por “100 merréis”. O número de anos que levou para construir o imóvel se perdeu na memória. O salão para guardar as coisinhas da roça veio bem mais tarde.

XIX

Os milagres que ocorrem em Santa Brígida são bem simples. Seu Zé conta que eles acontecem de acordo com o tempo. Em época de seca, as pessoas acham que nunca mais sairão daquele sufoco. Pedro Batista, no entanto, lhes dizia que o melhor a fazer era se apegar com Deus para tudo melhorar. Quando a esperança do povo estava acabando, Deus mandava uma chuva.

Na interpretação do agricultor, a chuvarada era um recado divino: ‘Ele dizia plante que tem, viu?’. Aí todo mundo plantava feijão. Quando era com 60 dias, chegava fartura.

“Os milagres são esses, né? Deixa estar que Deus manda. E Deus mandava.”

XX

“Marivaldo”. Assim seu Zé chama até hoje o escritor peruano Mario Vargas Llosa, que esteve em Santa Brígida quando fazia pesquisas para escrever o livro “A Guerra do Fim do Mundo”, sobre o massacre de Canudos. A publicação, lançada em 1981, mistura personagens fictícios e reais. José Rodrigues denomina as pessoas pelo nome que lhe dá na telha.

Da passagem de “Marivaldo”, o agricultor conta que ele se encontrou com a Madrinha e ouviu muitas histórias sobre beatos e religião. Zé lembra do rosto de espanto do escritor : “Ele olhava como quem pergunta como era possível um negócio daquele”. No fim da conversa, o visitante, “um homem que entende do bem e do mal”, disse que passou por Canudos e que a destruição do lugar foi “a maior ignorância que foi feita contra o povo”.

XXI

O choro não consegue ser controlado. O velho agricultor coloca a mão no rosto, tentando esconder as lágrimas ao lembrar da humilhação sofrida. Ele custa a se recompor. Quando consegue conta o que aconteceu.

“Eu já tive na mira disso aqui (faz uma arma com os dedos). Foi assim: eu tinha um negócio no banco. Tava devendo 130 real no banco. O gerente era muito ruim. Esse negócio de banco bota cabra sem coração para trabalhar. Eu pensei que fazia um trabalho e descontava a parcela que devia. A situação nesse tempo era difícil. Aí, eu fiz um trato para roçar 13 tarefas de mato, para arrumar esse dinheiro para pagar.

Que situação de péssima qualidade! Fui trabaiaí. Quando chego lá, me topo com a Federal. Pia, rapaz! Tinha um cabra aqui que plantava por arte do satanás, do diabo, plantava meia tarefa de maconha acolá. Os homens souberam. Chegaram lá e diziam para eu mostrar onde era a roça que plantava e onde é que tinha guardado.

Eu disse: ‘Meu amigo, estou trabalhando aqui não é nem para comer, é para pagar um débito que eu tô devendo. E quem planta esse produto não se assujeita a isso não’.

Depois disso, meu amigo, a bocada foi quente. Só não fizeram foi me espancar de pancada, mas de rapapé de arma, cabra jogando metralhadora assim na minha cara para eu dizer de qualquer forma o que ele quisesse, hein?

Ói, seu Zé, não foi quase uma hora esse tripel? Hum! Por derradeiro de tudo, quando não conseguiram nada, tem um carro assim. Fizeram um sinal assim e o cabra trouxe um outro de lá pra cá algemado. Mas eu olhei, a roupa de quem vinha algemado era a mesma de quem vinha trazendo. Aí, quando ele chegou onde eu tava, disse: ‘Onde você comprou maconha?’ Aí o cabra disse que tinha comprado a eu.

Pia, seu Zé! Aí, meu irmão, um cabra que eu nunca tinha visto na vida foi dizer que

comprou a mim, sem eu nunca ter visto o elemento. “Comprei a esse véio aqui”.

Eu pra mim, óia, nesse momento, tanto fazia viver como morrer. Aí eu olhei pra ele e disse: ‘Rapaz, você não tem vergonha na cara de dizer uma palavra dessa não, que eu nunca lhe vi num dia de minha vida. Você não tem vergonha de dizer uma palavra dessa?’.

‘Ah, não adianta negar não que eu comprei foi você mesmo’. Pia, seu Zé! Rapaz, aí um cabra estava com a metralhadora. Quando eu disse a um policial federal que o cabra não tinha vergonha na cara, o comandante não gostou.

Aí o coronel: “Você é todo errado e quer tá por quem de direito, né?” Aí o cabra da metralhadora: ‘Peraí que você descobre nesse instante’. Mandou afastar assim como daqui naquele balde. Aí botou a metralhadora: ‘Vai dizer agora ou não vai?’.

Eu disse assim: ‘Ói, Nosso Senhor dono do mundo, ele pagou sem dever. Eu estou no mesmo caminho, pode atirar’.

Ele ficou vermelho, deu volta e foi embora”.

XXII

A ameaça dos policiais foi a segunda revelação sobre si próprio que José Rodrigues fez. Ele disse que mantinha isso em segredo e que sempre lembrava da fala do Padrinho quando revelou para ele a intenção de se estabelecer em Santa Brígida: “Se quiser vir sofrer, vem”.

O homem de confiança de Pedro Batista acrescenta que o beato falava desta maneira porque foi o primeiro a sofrer. Mesmo dando conselhos voltados para o bem, ele foi preso como um malfeitor por causa de um padre impudente que o invejava. O Padrinho ficou encarcerado 11 meses na cidade de Águas Belas, em Pernambuco, porque o religioso o denunciou por charlatanismo.

Em outros lugares, porém, Batista era bem recebido e acolhido por líderes políticos. Seu Zé narra uma passagem curiosa, na qual um médico procurou o beato e fez um pedido:

“Seu Pedro, o senhor não pode ficar aqui. Pru quê o senhor tem um poder que eu não tenho. O senhor benze uma água e dá a uma pessoa pra beber e ela fica bom. Eu não posso fazer isso. Se o senhor ficar aqui, eu vou trabalhar em outra coisa pra comer. O senhor pode procurar outro lugar para o senhor ficar?” – teria dito o doutor.

O beato, embora gozasse da proteção de um coronel, segundo José Rodrigues, foi para outro canto porque gostou da atitude do médico.

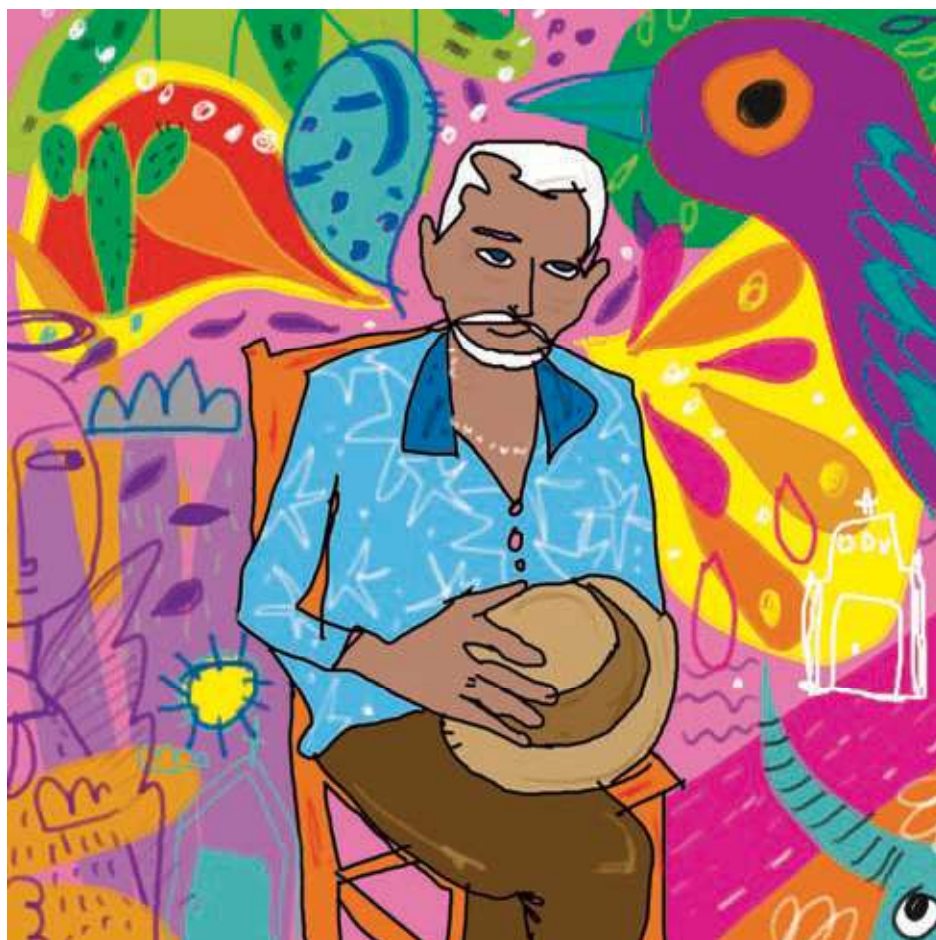
XXIII

“O Padrinho usava barba grande porque era a missão dele andar daquele jeito. Os padres antigamente não era assim, não deixava as barba crescer? Barbona grande? Hum? Os hõmi, hein? Hein, seu Zé? No tempo dos imperador ninguém não fazia barba. Ainda conheci alguns velhos no limite dos tempos dos rei, a barbona assim. Naquele tempo ninguém fazia barba. Nem novo, nem velho”.

XXIV

“Ói, é brincadeira um vento de uma velocidade de cento e tantos quilômetros? Onde passa fica nada. Aí, tudo isso tá dando pra destruir. Vai ser do mesmo endereço do outro século. Nosso senhor deu o aviso que o mundo ia se naufragar com água, mas o pessoal achava que nunca ia dar essa chuva pra cobrir uma serra, hein? E não é que chegou. O mundo foi naufragado com água, né? Ninguém nunca que acreditava. Achava que aquilo num acontecia, n’era? Mas das coisas de Deus, que Deus marca, homem da terra não desmancha.”

AS HISTÓRIAS CONTADAS POR SEU ZÉ



SEU ZÉ E SUAS HISTÓRIAS

A FOTO DO PADIM



“Eu vi um capitão da polícia, aquele capitão que veio pra cá chamado pela Dodô. Capitão Ataíde. Aquele capitão, ele era igual a um padre ou mais. Ele um dia teve uma conversa mais comadre Dodô. Disse assim mode um retrato de meu Padim (Padrinho) Cícero: ‘Dona Dores, eu vi um negócio aqui na sua casa, mas esse negócio, quando eu for, eu quero levar ele ou vendido ou emprestado’.

Aí ela disse: ‘O que é capitão?’.

Deixe que era uma fotografia que tinha meu Padrinho Cícero escrevendo com a

caneta, sentando em uma mesa.

Ele disse: ‘Eu não conheci não, mas minha mãe conheceu ele pessoalmente. E, pelo que ela me disse, ele é santo. Eu vi essa fotografia aí, dona Dores. Eu quero levar ela’.

Ela: “Taí em suas mãos”.

Aí, ele levou e disse: “Ói, num tempo desses ainda existia alguns padres que mediava e hoje não tem. Não tem um padre pra fazer um pedido a Nosso Senhor pra mode ter. Por que o que ele pede não vem? Porque ele não cumpre com os mandamentos. Se ele cumprisse com os mandamentos, o que pedia vinha”

Foi um capitão da polícia que passou essa proposta assim pra comadre Dodô”.

SEU ZÉ E SUAS HISTÓRIAS

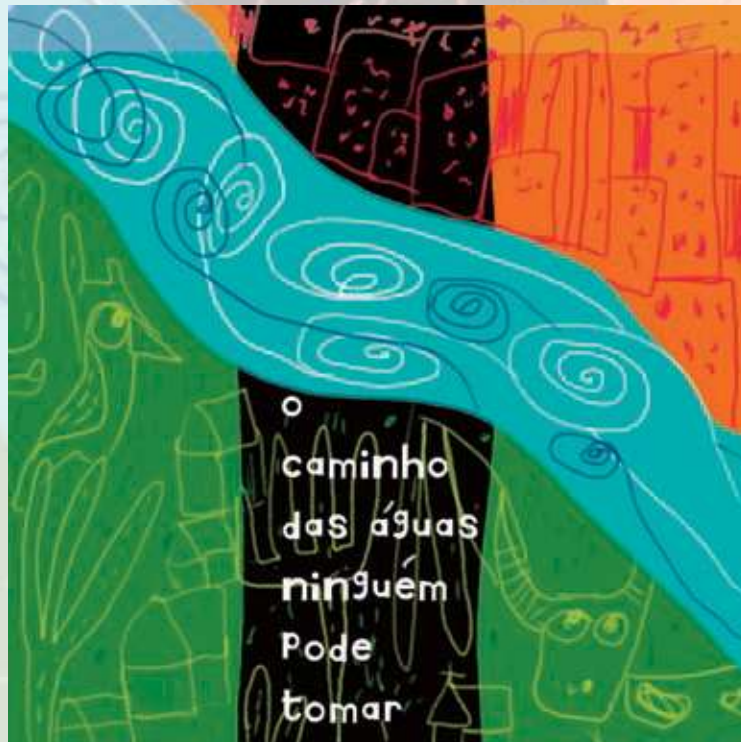
BOM JESUS DA LAPA



“O primeiro que chegou em Bom Jesus da Lapa, 180 anos depois do Descobrimento do Brasil, foi São Francisco. Estava perseguido. A companhia dele era uma onça que andava do lado do santo igual a um cachorro.”

SEU ZÉ E SUAS HISTÓRIAS

CASTIGO



O que vai ser do mundo daqui pra frente, seu Zé?

‘A distância é curta, né? Pode ser a distância curta, né? Diante de tanta miséria que tem na terra, hum?’

Dizem agora que o mundo vai acabar aos pedaços, né? De vez em quando dá um terreno mole, dá um tremor de terra, dá uma onda. Aquele negócio do Haiti, né? Um tremor de terra, um terremoto. Aquela grande cidade, a onda com quase 20 metros de altura acabou, né? Invadiu, acabou tudo.

tomar | 46 |

O senhor está vendo esse rio de São Francisco, hein? Meu amigo, eu noutra dia, eu passando acolá em uma grande barragem, olhei assim, aí eu disse a uma pessoa, que nós ia no carro: ‘Meu amigo, um mundo d’água parece um oceano. Isso aqui será que fica por toda a vida ou por tempo marcado?’. E o cabra: ‘Isso aqui fica por toda vida’. ‘Meu amigo, o que fica por toda a vida é aquilo que Deus fez. O caminho das águas ninguém pode tomar’.

Óia, eu dizendo. Eu não sei de nada não. É o que eu tô vendo aí na terra. Dá um tremor de terra e o que tem dentro da terra resiste? Resiste? Uma cidadinha dessa, se dá um tremor de terra, váááá... Não é assim mesmo? Não afunda, né? Tudo quebrado, né?

Lá em Maceió, o senhor sabe do negócio de Maceió? Não sabe não? Num tem um bairro lá que o pessoal tem que desocupar? Cada prédio enorme. Andou um cabra aqui, um velho, que dizia que esse prédio é um valor de 250 mil, ele dá por 50 mil e ninguém quer. A terra cedendo, hein?

Agora, sabe o que foi de lá? Dizem, acharam um negócio debaixo do chão há muitos anos e ficaram cavando aquilo, tirando aquele matériá. Um pesquisador descobriu, né? Tirando aquilo debaixo e agora a terra está cedendo, hein?

Pois é.

Então, esse negócio das barragens. O prejuízo que deu daquela barragem de Mariana, faz três anos eles não acabaram de pagar. E agora essa do outro (Brumadinho), quando é que quando vão acabar de pagar esse prejuízo, hein, seu Zé?

O ferro. O ferro é uma coisa sem resistência, seu Zé. O senhor pega uma peça de ferro, toca debaixo do chão ou dentro de um matériá, mas com o tempo ela se diminui, se acaba. Perde a resistência. Se tirar aquele ferro, ele não serve pra nada, se perdeu... Tá ali mas num tem mais resistência. Faz um prédio daqueles, né? Começa a arriar praquê já perdeu a potência do ferro. O material não aguenta, não”.

CONVERSAS COM MORTOS



“Santo Antônio era de Lisboa, mas vivia na Itália. Um dia, o pai dele viu uma pessoa morrendo e foi ajudar. Os guardas chegaram e viram ele do lado do corpo. Então, resolveram prender o homem. Um anjo apareceu para Santo Antônio e disse para ele voltar a Portugal senão o pai dele sofreria uma injustiça.

Antônio, que se chamava Fernando e, por sofrer perseguições, mudou de nome, se materializou na cena do crime onde o pai estava sendo preso e disse que o pai era inocente. Os guardas disseram que ele era assassino e seria preso porque estava ao

lado do corpo. Santo Antônio, então, perguntou ao morto se o pai o matara, e o defunto respondeu:

‘Não foi ele que me matou. Na hora de minha morte, ele ainda me ajudou’.

O pai foi solto. E passaram a dizer que o Antônio era santo porque fez o morto falar.

O mesmo aconteceu com Padre Cícero. Ele foi chamado para confessar um moribundo a seis léguas de distância. No caminho, antes de deixar Juazeiro, veio a notícia, por um mensageiro, que o Padrinho não precisava ir mais porque o homem morreu. O Padrinho foi assim mesmo. Chegou e foi recebido pelos parentes do falecido, que disseram que ele não precisava de ter ido lá.

Cícero, no entanto, fez questão de ver o corpo. Entrou no quarto e perguntou se ele ainda queria se confessar. O morto disse que sim. O padre falou para ele sentar, e o morto sentou. O padre mandou todo mundo sair do quarto e ouviu a confissão. Depois disse, agora deite. E foi o que ocorreu.

Até ali, pensavam que ele era um padre igual aos outros, mas, depois, diziam que ele era santo porque fez um morto falar”.

SEU ZÉ E SUAS HISTÓRIAS

DESEJO DE VINGANÇA



“Mataram o filho de um homem. Ele era de fora. Aí ele disse assim: ‘Peraí, eu vou tirar minha família de Juazeiro do Norte e depois eu vou voltar e me acerto do jeito que eu quero’.

Aí ele vai dá bênção pro meu Padrinho Ciço pra viajar. Quando chegou assim perto, antes de dar bênção, ele cobrou dele primeiro. Óia aí! Antes dele dar bênça falou pro homem assim: ‘Meu amigo, meu amiguinho, vou fazer um pedido: o senhor pode me fazer?’.

O homem ficou assim e disse: ‘Ó, meu Padrinho, o que que o senhor pede que eu não faço?’.

Aí ele disse: “Pro senhor não fazer o que o senhor está pensando”. Hein? Viu? Antes dele dar bença! De longe, quando ele foi chegando perto, ele já veio com essa: ‘Pro senhor não fazer o que o senhor está pensando. O senhor pode até morrer, alcançar a salvação, mas não tem o direito de ver Nosso Senhor’.

Ói, meu amiguinho, quando um homem sai a se dirigir a esse ato, primeiro que ele agrave Nosso Senhor. Foi a resposta que meu Padrinho deu ao homem. Aí o homem desistiu. Foi-se embora e não fez nada do que tava pensando em fazer. Deixe estar que Deus resolve!

Ói, meu amigo, é assim. A gente tem aquela ignorância quando faz uma coisa e o cabra quer cobrar uma vingança. Não. Entregue a Deus, que Deus resolve o caso! Deus resolve aquilo de um modo que o senhor diz: “Ó, meu Deus, que eu nunca pensei de eu me sair dessa’.

Pruquê que o senhor vai fazer isso? O senhor vai fazer uma coisa. Vai perder o seu sossego para o fim da vida. Acabar perdendo sua vida e dismantelar toda a família. Entregue a Deus, Deus resolve. Aquilo que você ia fazer, deixa pra outro. Outro vai cobrar aquilo. Resolve aquele caso sem o senhor precisar de pôr a mão. Hein, senhor?’.

SEU ZÉ E SUAS HISTÓRIAS

FIM DO MUNDO



“Em 40, eu vi estrela às 11 horas do dia. Dentro de casa não via nada. Galinha subia no poleiro pensando que era noite. Uma nuvem escura tomou a claridade do sol. De épocas em épocas, de séculos em séculos, aparece essa passagem. Obra de Deus, demonstrando o que ainda vem: a Terra vai dar três estrondos e o sol perdê o brilho.”

FREI DAMIÃO



“Eu fui a uma missão de um missionário que tinha aqui no Nordeste. Nome: Frei Damião. Viu falar? Ele era uma pessoa que cumpria com os mandamentos de Deus e o que pedia vinha. Quando ele ia pra um lugar, ele já ia marcado, quantos dias ia passar naquele lugar.

É assim: ele era pra vim aqui, vinha marcado pra passar dois dias. Então tinha o aviso: ‘Ói, vamos lá, que vai levar dois dias de Santa Missão’. Se ele chegasse e achasse boa a vontade do povo, ele vinha pra passar dois dias, passava mais um dia.

E também se achasse má vontade, era pra passar dois dias, mas só passava um. Aí ele veio pra esse lugar, lá onde eu morava, era gente que tinha em grande quantidade.

Ele quando olhava praquela multidão chegava a sorrir. Uma multidão enorme, tudo pra ouvir só uma pessoa. Hein, senhor? Ali ele achava que aquilo era uma obediência muito grande. Ele olhava assim praquela multidão, ele sorria quando olhava praquela multidão tudo ali, todo mundo sincero. Quando passou os dois dias, ele disse: ‘Eu vim aqui pra passar dois dias, mas tô vendo boa vontade do povo, vou passar mais um dia’. Ói!

O tempo tava seco como tá agora. O pessoal plantava e a praga comia tudinho nas roças. Ele disse: ‘Num vão embora não. Eu vou passar mais um dia e deixe está. Eu vou pedir a Nosso Senhor pra botar uma bênção de chuva pra criar o pão pra vocês’.

O senhor me acredite, todo mundo ficou quieto. Não saiu ninguém dos que tava. Quando ele foi-se embora, com três dias a chuva chegou e foi um ano bom.

Óia como é que é? Eu conto assim que eu tava também e vi essas palavras, quando ele disse no derradeiro dia: ‘Eu vim passar dois dias, mas tô vendo boa vontade do povo, vou passar mais um dia’. Foi lá no lugar onde eu morava, São José da Tapera. Ele confiava em Deus. O que dizia era aprovado. O que pedia vinha. Pruquê? Pruquê cumpria com os mandamentos de Deus”.

SEU ZÉ E SUAS HISTÓRIAS

MILAGRE DA ONÇA



“Vou falar um negócio com o senhor, assim: aqui (Santa Brígida, Bahia) mora um rapaz que tinha muita vontade de ir pro Juazeiro. Tanta vontade, que foi só, sem companhia nenhuma, sem conhecer dos caminhos, de nada.

Ele disse que passou em Floresta (PE) no porzinho do sol, aí entrou. Na ponta da rua, ele chegou, procurou numa casa. Mais adiante, tinha casa, eles nem aí. Eles têm esse negócio de dizer que tem casa perto. Não tem. Deixa que era no fim das casas. Pra frente, pegava era deserto. E, aí, anoiteceu e não apareceu mais casa. E ele andou,

andou, andou e não viu casa. Lá, os terrenos, aqui e acolá, tem aqueles terrenos defasado. Não tem mato, não tem nada. Aquele campão assim.

Aí, ele cansou. Já tava cansado. Aí, sentou e disse: 'Não tem casa mais'. Aí, ficou sentado naquele limpo ali. Quando ele sentou, apareceu de longe um vulto que nem um bezerro, preto como o carvão. Aquele vulto de longe, veio à procura dele. Aquele vulto veio, veio, veio bater onde ele tá.

Quando chegou perto da onde ele tá, parou. Deixa que era uma onça. A mais perigosa que tem: a onça preta. Ela, quando chegou perto dele, parou. Parou e ficou ali. Ele disse que aquela onça fazia tanto monga no mundo, e ele ia só a se pegar com meu Padrinho Ciço e com Nossa Senhora.

Uma fera daquela assim, em cima dele, olhando assim. Ela ficou olhando assim pra ele, assim perto. Diz que tinha hora que ela alisava o couro da testa. Outra hora, puxava o couro, chegava a cobrir os óio. Aqueles óio assim, oiando.

Naquele meio, e ele só a se valer: 'Ah, meu Padrinho Ciço, Nossa Senhora, só vós agora é quem pode me socorrer. A gente vai se acabar aqui, e ninguém dá notícia'.

Fazer o quê?! Ele tinha só uma faquinha assim, mas fazer o quê com uma fera daquela? Uma monstra que a munheca da mão é, simplesmente, um machado quando bate. Aí, ela, naqueles meio, estava em pé. Deitou-se.

Ela deu uma chicotada com o rabo no lombo, que a ponta do rabo ficou entre as oreia. Deitou o rabo pra frente, deu aquela latadona que a ponta do rabo veio nas oreia. Ela ficou ali, pousada pra sartá, né?

Aí, naquele meio, quando ela fez aquela posição pra sartá nele, no mesmo momento, ela levantou-se. Levantou-se e saiu se afastando pra trás, como que ela viu um negócio que temeu. Pia, seu Zé? (depois de um tempo de conversa, José passou a chamar o interlocutor do mesmo jeito que é chamado).

Ela levantou-se e, aí, saiu se afastando de costa. Pia? Ele disse que uma distância

longa, ela saiu andando só de costas, como quem tava vendo um negócio que ela assombrou-se. Saiu, saiu, saiu, se afastando até que se encobriu, foi-se embora.

Pia! Não perseguiu mais ele não. Assombrou-se. Saiu, numa distância longa, se afastando só de costa, de costa, de costa, quando já tava na posição de saltar nele. Hein?

Ele disse: 'Valei, meu Padre Cícero, se eu for me acabar aqui, ninguém vai dar notícia. Só o senhor e Nossa Senhora pode me valer'. Hein, senhor? Tudo isso é coisa que eu tô falando aqui porque eu conheço a pessoa.

Aconteceu essa passagem. O que Deus manda. Quem trabalhar no caminho errado chama as trevas, tudo chega é ruim. Quem trabalha nas direita, tudo só vem direito. Luís Chiquinha ia nessa história contrito a Deus no coração. E chamou por Ele, Ele valeu. Na maior agonia, hein?"

O CARUÁ E A GUERRA DA ALEMANHA



“Antes da guerra da Alemanha veio os alemão para o Brasil, viu? Ói, se não fosse a guerra o Brasil nesse alto sertão era uma coisa melhó do mundo. Os alemão inventaram um trabalho sabe do quê? Do materiá que tem no mato que chama caruá, que faz a corda.

Naqueles dias num existia o sisal. Eles pesquisava as áreas. O desmatamento não existia. Tinha muita mata, caatinga, da parte de caroá. Naquele lugar sentaram uma fábrica pra tirá aquela coisa, pra desfibrar. Aquela fibra ia pra terra deles. A fibra.

Ó, corria um dinheiro que não era moleza. O camarada ia pro mato, arrancava aqueles moinhos (molhinhos) de caruá com o animal. Era vendido no peso, hein?

Corria dinheiro no tempo desses homem. Eles já tava com um projeto pro caruá ser plantado e arrancar. Mas não é, meu amigo, que quando veio a guerra de Alemanha bombardearam uns navios aqui nas águas brasileiras? Perto de Aracaju. Aí o governo criou um decreto pra quem for de outro país: só deu 30 dias para desocupar. Eles perderam tudo. Até a terra. Perderam tudo que tinham feito. Hein?

Até nos lugar que tinha, muita gente não sabia aquilo. Achava que aquilo não vinha a ser nada. Eu passava e via daqui de Alagoas até o Alto Sertão. Eles montavam, chegavam num povoadozinho botavam a fábrica. Ah, meu amigo, corria um dinheiro que não era moleza. Agora aquela fibra, naquele tempo, sabe para o que era? Era pra forrar casco de navio. Hein? Lá não existia aquele matériá. Só tinha aqui e eles levava. Tirava aqui e era importada pra lá.

Não era pra ser vendida aqui no Brasil, não. A fibra ia pra Alemanha. Levava daqui pra lá. Aquela fibra era para forrar casco de navio porque o caso de navio é forrado para não estragar, não enferrujar, pro sal não devorar, né? Os alemão estavam nas vilas, nos povoados, em lugar de mata. Chegava numa vila assim, aquela fábrica ali ficava. Todo mundo ia pro mato com quatro, cinco, seis animal, arrancava aquele caruá. Trazia, era vendido no peso, hein? Tudo isso passou. É pouco aqui que conhece disso. Só quem andava que via, hein? Muita gente achava que aquilo não ia ser nada, né?”.

O HOMEM QUE NÃO ACREDITAVA



“Essa história é de meu Padrinho Cícero. O meu Padrinho era assim: uns dava valor no que ele falava e outro num dava. Digamos assim, essa aí ia visitar ele, quando chegava aqui vinha contar: “É nada, ele não é isso aí que está dizendo, não. Você tá aumentando mais, mas ele lá não é o que está dizendo”.

Esse homem via falar nas histórias. Aí era muito longe, mas, quando foi com o tempo, ele dizia que aquilo que o pessoal conversava mais era para dar aquela posição para ele, mas ele não era o que o pessoal dizia.

Com o tempo, ele terminou indo lá também. Quando chegou lá, foi na companhia de um pessoal conhecido. Os outros todo mundo se ajoelhava, dava bença e levantava. Ele foi o derradeiro que foi dar a bença. Quando chegou na vez dele, ele se ajoelhou pra dar a bença a ele. Muito bem, ele se ajoelhou mas não teve coragem de se levantar. Ficou prostrado de joelho ali. Ele diz que o corpo morreu, ficou que nem uma pedra. Oxente!

Aí meu Padrinho abençoou, mas também virou as costas. Estava conversando assim com mais alguns home. Virou as costas e ele ficou lá de joelho prostrado. Não teve força de valor de se levantar de jeito nenhum. E ele era um cabra disposto. Ele olhava assim, procurava valor no corpo, não tinha força. Daquele jeito despediu um suor frio.

Meu padrinho, que tava conversando mais os home, virou-se pra ele, fez boca de giz. Bastou olhar pra ele, ele levantou-se. Aí ele disse: 'Já sei. É mais do que o povo diz mesmo'. Olha!

Ele achava que o valor dele não era o que o pessoal achava, que aquilo era o pessoal que aumentava, que ele não era o que o pessoal dizia, não. Mas ele viu de perto.

Então essas coisas que vêm de longe, né, seu Zé? Da pessoa, às vez, não conhecer, ainda duvida, né? Então, as coisas do mundo são essas”.

SEU ZÉ E SUAS HISTÓRIAS

PADRE CÍCERO NA JAULA



“O Papa fez meu padrinho entrar em uma jaula com muitos bichos ferozes e os bichos não fizeram nada. O Papa ficou pasmo. Padrinho disse que já tinha domado muitos bichos ferozes. O Papa disse: ‘Padre Cícero, já vi que igual ao senhor não tem.’”

PEDRO BATISTA E A CIGANA



“Uma cigana chegou em uma casa. Uma mulher tinha três filhos, sabe? Aí a cigana pega na mão dos meninos e diz assim: “Ói, esse aqui vai ser criminoso – criança, né? -, aquele ali vai ser ladrão e aquele outro ali vai ser um esmoler. A mulher era bem de vida, né? Aí a mulher ficou preocupada com a situação daquelas crianças para o futuro. Um ia ser ladrão, o outro criminoso e o outro esmoler.

Com o tempo, meu Padrinho passa lá na casa dessa dita mulher. A mulher diz: ‘Seu Pedro, eu estou preocupada com essas crianças. Uma cigana deu um resultado

aqui e eu fico muito triste com o resultado que ela deu pra essas crianças pro tempo futuro, né?

Veja quem entende como é que faz.

Aí ela contou. E ele: ‘Tá que não deu o resultado certo’.

Ele voltou ao assunto: ‘Ela disse que ia ser ladrão. Mas aquele ali vai ser um adevogado. Aquele que ela disse que ia ser um criminoso, aquele ali vai ser um médico’. Olha aí o serviço! ‘E aquele outro que ela disse que vai ser um esmoler é um padre’. É de pedir, né? O médico morre na mão dele, mas não tem crime. O adevogado é porque tira de quem tem e dá a quem não tem por meio do direito. Justamente foi a carreira que eles seguiu quando foi para o estudo, cada um partiu para aquele destino.

Quando eles estava formado, o Padrinho veio fazer uma visita. Aí o que era adevogado disse: ‘Seu Pedro porque é que diz que o adevogado é ladrão?’. Ele disse: ‘Porque tira o direito de quem tem e dá a quem não tem. É roubo’.

Você vê a pessoa que entende como é que é. A cigana deu a pontuação, mas ele quem decifrou tudo. A coisa de Deus é bem-feita”.

O PERAL



“Tinha um homem que morava, naquele tempo, em Petrolanda (Petrolândia, Pernambuco), naquele lugar em que o rio é bem estreito, naquele canal de pedra. Ali é uma profundidade enorme. Ele e o pai do finado José de João ia pescar de noite. De anzol. Ia pescar naquele lugar, que ali na água fria é o lugar onde todo peixe grande fica. É uma profundidade enorme, né?”

Ele saiu, então. Tinha um lajedo no canal do rio. Ele ia caminhando, pisou em uma pedra que estava em riba do lado de lá. Xeeerba! Levou ele para dentro do peral.

Quando ele escorregou, disse assim ‘Valei-me, meu Padrinho Ciço!’.

Quando chegou embaixo bateu numa croa de areia e a água só chegou na cintura. Então ele saiu caminhando. Tinha umas ramagens assim, ele saiu caminhando. Quando ele saiu caminhando, os outros caras que tavam fora ficaram mangando, que ele dizia que não sabia nadar, né?

‘Tá o homem que disse que não sabia nadar: ele vai nadando ali’. É que ali era uma profundidade enorme. Mas num era, ele ia caminhando na areia! Foi o poder de Deus e de meu Padrinho Ciço! Hein, meu amigo?

Aí, quando vai no outro dia, ele foi lá, levou uma linha grande de muitos metros, amarrou uma pedra, botou. Nunca chegou no fim! E naquele dia num suspendeu aquela croa de areia, hein? E a água nele só chegou na cintura. Hein, senhor?’.

SEU ZÉ E SUAS HISTÓRIAS

A PESSOA ENCANTADA



“Um americano viu uma moça. Agora, assim: em sonho, dormindo, né? Ele estava dormindo e viu chegar aquela moça. Ela vinha num barco. Hein? Ela abriu aquele barco para ir para fora, uma claridade maior do mundo. Agora, ele não via luz em canto nenhum, aquela claridade era suposta. Não tinha luz. Hein? Só aquele claro, ali dentro, e ele olhava e não via nada. Aí, quando ela se apresentava a ele, ele adormecia. Ele escutava o que ela falava, mas ele não tinha força de falar nada pra ela.

Sabe como ela chamava aqui, a Terra, chamava o Paraíso Terrestre. Ela dizia pra

ele coisas do mundo como ia. Dizia, se os homens subesse viver nesse paraíso terrestre, o mundo ia ter outra vida. Mas, como os homem não sabia viver, tava ser destruído pelas mãos dele mesmo.

Aí, então, ela falava aquelas passagem que tinha só em negócio de livros, de escrituras. Aí, quando ela saía, ele despertava, mas não via nada. Quando amanhecia o dia, ele conversava, o povo dizia: ‘Ôxente, peraí, onde é que você soube disso?’. Ele falava aquelas coisas que tinha exatamente nas escrituras, mas que ouvia da boca da moça.

Quando foi um dia, ele estava num lugar, num hotel. Quando deu fé, aquela dita moça entrou. Ela entrou assim, passou. Ele olhou assim, conheceu. Ele fala pra ela: ‘Dona, eu lhe conheço’. Ela diz: ‘Nunca lhe vi’. E entra pra dentro. Foi a resposta que ela deu.

Ele esperou a volta dela para ter uma conversa, mas ela não voltou mais por ali não. Depois, ele fala pro dono do hotel: ‘Cadê uma moça que passou aqui agora?’. O dono do hotel: ‘Uma moça?’. ‘Sim, passou uma moça aqui, agora, e eu queria falar com ela’. ‘Não, aqui não entrou essa moça’. ‘Passou, que eu tava aqui sentado, ela passou aqui onde eu tava’. Aí, o dono do hotel entrou, olhou por todo canto e não viu ninguém, né?

Quando é dias depois, ela torna se apresentar a ele. Aí, ela fala pra ele assim: ‘Ói, naquele dia, não era possível confirmar sua palavra’.

Tá vendo. A pessoa encantada, invisível. Um via e outro não via.

Ele falava aquelas conversas, as palavras que ela declarava pra ela tinha justamente nas escrituras antiguíssimas, do começo do mundo, né? Daquilo que existia. Era um negócio assim, como uma visão, né? Hein?

Existe coisa no mundo assim: o senhor está aqui. Às vez, passa uma coisa aqui, eu vejo, o senhor não vê. Outra hora, o senhor vê e eu não vejo. Agora, nós vamos discutir. Eu digo: ‘É mentira dele, que eu estava lá e não vi’. Mas não é assim, meu amigo. Aquilo era pro senhor ver e eu não ver ou era pra eu ver e o senhor não ver. Entendeu que existe isso?”.

PROMESSA PARA O BONFIM



“O senhor ouviu falar daquele rapaz que era em de um país lá fora e fez uma promessa pra visitar Senhor do Bonfim? Viu falar? Nunca ouviu falar não, em Salvador?”

“Iihhh, rapaz, pois passou-se esse negócio, um rapaz de um país muito longe que falava aqui no Brasil. Ele fez uma promessa pra visitar o Senhor do Bonfim, pra vim por água, né, de barco. Quando foi pra ele vir à jornada, ele tinha o barco, falava com um e outro, mas depois ele (a)tentou que aquilo não dava praquê ele vim àquela

jornada, aquela jornada era muito longa e perigosa e alguém depois reclamava sobre aquela jornada.

Ele não tentou de vim só no barco??!!! Sozinho.

Ahhh, rapaz, aí ele disse que falou com a capitania pra fazer aquela jornada e eles disseram: ‘Ahh, rapaz, você vai só? Rapaz é perigoso!’. Mas ele diz que tinha feito a promessa, tentou de vim.

Agora ele disse, ele dizia, que, no alto do mar, viu coisas assombrosas e também viu coisas que se alegrava. Hein? Na jornada à noite, né? Sozinho e Deus. Ele via muitas vezes a morte, hein? E adepois vinha um grande alívio, se alegrava por tá vivo”.

QUEIXADAS



“Aqui tem uma área de terra que é um deserto. Aqui perto. Chama o Raso da Catarina. Esse Raso da Catarina tem muita coisa ali, mas é uma área muito grande. Um terreno como um encanto. É um raso. O senhor vai andando, de longe avista uma serra. Ali tá aquela serra nascendo. O senhor sai a andar, sai a andar e nunca passa nessa serra.

Quando pensa que não, quando chega lá numa certa altura muito longe, ela faz assim tipo uma bacia no lado da chapada. Aquilo, meu amigo, numa área enorme.

Agora ali, se o senhor der vacilo, o senhor se perde porque o senhor olha pra trás e não avista uma serra pra trás em canto nenhum. Hein?

Agora lá é o paraíso de todo bicho, de toda a caça. Aí tem uma qualidade de um porco, chamou queixada, é um porco grande. Aquele porco enfrenta qualquer coisa. Pode ser onça. O que for, ele enfrenta e vence. Porque o porco queixada anda em um rebanho enorme. É muito. Ele anda tudo junto.

Quando ele vê um bicho, ele dá em fazer um círculo, não encosta não, hein? Vai arroteando até encantar. Aquele bicho fica naquele meio, aí o queixada devora. Pode ser até uma onça, ele estraga. Às vezes come ela.

O queixada é um porco do rastro de um bezerro. As presas dele parece umas ponta. Não tem bicho que resiste. Bicho nenhum, fera nenhuma num resiste pra lutar com ele não. Pruquê andam de magote, quando parte é o rebanho todo.

Ói, o leão, rei da selva. Não é fera brava? Mas sabe qual é a vantagem do leão? A vantagem do leão é ele pegando o bicho sozinho, mas se for muito ele não enfrenta não. Passou no jornal um bocado daquele boi bufa (búfalo). Cercaram um leão e mataram ele. Pega a ponta assim, sacodia ele acolá, quando ele caía no chão outro caía em riba.

Agora, quando o leão pega um bicho sozinho, ele enfrenta, mas no rebanho não. O negócio é que o cabra sozinho não dá nada. O leão só enfrenta o partido quando é um só, né, mas quando dá o rebanho ele não conta vantagem, não.

Quando foi criado o quartel em Paulo Afonso, uma autoridade, um major, botou aviso: 'Dez anos ninguém caça'. Já tá com bem 40. Hein? E lá no raso ninguém entra. Não meta a cara que se for pego... Agora caça, meu amigo, tem em alta quantidade. De tudo tem.

Fui perto, mas lá mesmo não fui não”.

VIRA, VIRA



“Você não conheceu o Antônio Liso?” - pergunta Pedro Xanxão

“Demais” – responde seu Zé.

Xanxão continua: “Quando ele veio do Cedro, veio por canoa. A gente atravessamos naquela época, em 48, praqui em canoa. Paulo Afonso não existia. Era Forquilha, chamava Forquilha. Só tinha Delmiro Gouveia, a fábrica dele. Antônio vinha do Cedro na canoa. Aí no Zé Bento a canoa virou.

Quando ele gritou ‘Valei-me meu padrinho Ciço’, a canoa voltou, ele voltou

dentro da canoa. Não teve nada. Tá aqui no Monte Escuro até hoje. Tá vendo aí?”

“O vento mesmo que deitou, equilibrou ela” – acrescenta seu Zé.

“A gente sabe que nós somos do pecado. Mas porque nós somos do pecado não é obrigado a fazer erro não. Nós temos que saber que as verdade serão dita. É a coisa melhor do mundo” – diz Xanxão.



Jornalista, 57 anos, traz no sangue a mistura de carioca com português. Em 1998, após trabalhar em alguns dos principais jornais, assessorias e sites do país, foi para o Ceará e descobriu um novo mundo. Criou dois jornais populares: Hoje (CE) e Massa (BA). Formou comunicadores populares nas favelas do Rio e treinou jornalistas em Moçambique, na África. Suas reportagens ganharam prêmios de direitos humanos e de jornalismo investigativo.

Capa
Ana Lua
Designer
Vado Alves
Ilustrações
Ana Lua
Revisão
Kleber Leal
Fonte:
Zap/Ellipt BT

e-books

